

ATÉ PARECE

TEXTO MIGUEL BRANCO

ENCENAÇÃO LEVI MARTINS

COM ANDRÉ ALVES, EDUARDO DIAS, ESTELA ZAMBUJO, JOÃO JACINTO, LEVI MARTINS E PEDRO NUNES

CENOGRAFIA E FIGURINOS ADELINO LOURENÇO

MÚSICA, SOM E DESIGN ANDRÉ REIS

ASSISTÊNCIA DE ENCENAÇÃO E PRODUÇÃO PEDRO NUNES

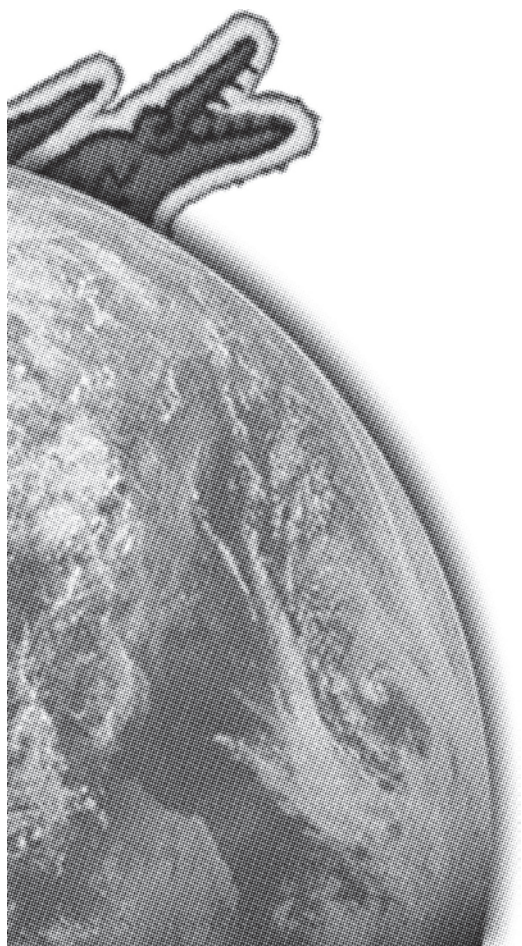
ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO ESTELA ZAMBUJO E JOÃO JACINTO

OPERAÇÃO DE SOM INÊS MONTEIRO PIRES

AGRADECIMENTOS LUÍS MADUREIRA

UMA PRODUÇÃO COMPANHIA MASCARENHAS-MARTINS

COM O APOIO DE:

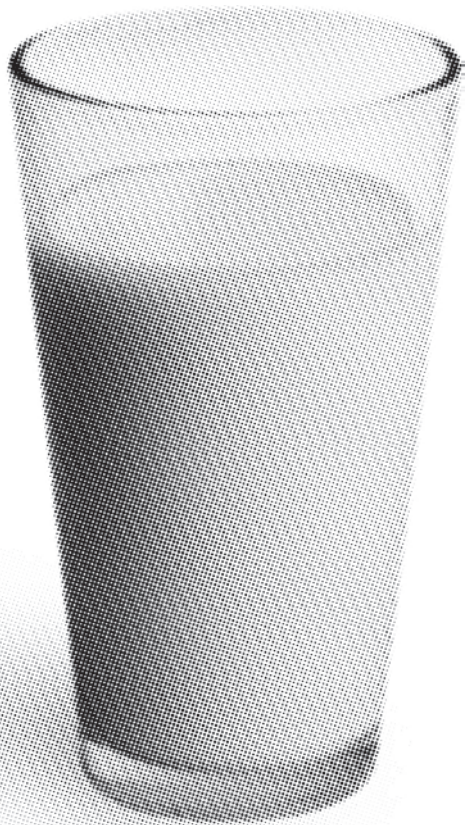


Puxámos cadeiras para falar de crise. E olhem, boa sorte – isto dito assim de avental sujo e mãos negras de carvão, como diria a melhor profissional da grelha, a dona das melhores sardinhas. De onde é que vem esta bandida? Acreditar que ela esteve cá sempre dá vontade de pousar a caneta, de deixar de fumar. Falámos do Lehman Brothers; falámos de um charco manipulado: há quem o queira morto, há quem o queira tremido, há quem nem queira; falámos do hedonismo e de como ele pode ser uma dor de costas; falámos da merda do sofá, o objecto mais agradável no mundo já agora; falámos de um *delay*, de como estamos sempre atrasados para sermos nós; falámos do ambiente – como não? – e foi isso, falámos do ambiente; e falámos de *business* – isto dito assim de calças largueiras e com as mãos nos bolsos. Foi cá uma sorte. Mas falámos.

E eu – talvez para tentar resolver esta demência, ofegante, naquela arrogância de quem quer sempre ficar atrás na fotografia, de quem quer o melhor *spot*; e logo rodeado de uma nova fauna e de uma nova flora – fui escrevendo. Não tanto sobre a bandida, mais sobre esta aragem insistente que nos parece estar sempre a dizer que a desilusão não é desilusão nenhuma, é o real, é como se vai estando para aqui. Mas isto também não deve ser nada de novo, ou não sabem como é? Não-que-não-sabem.

O que está em palco vem de outras zonas, do pacote de leite que se bebia a meio do ensaio, do *hating* exagerado, do desbocanço, da má-onda. É isso, é capaz de ter vindo da má-onda. E – acho que neste ponto posso falar por todos os elementos desta equipa, do que está para trás já não tenho certeza nenhuma – ai de quem nos diga para viver de outra forma.

Miguel Branco



Neste projecto quisemos correr riscos. Partimos apenas com um conceito, o de crise, que passámos meses a discutir em grupo. Não sabíamos se o resultado iria ser um espectáculo de teatro ou outro tipo de intervenção – chegámos a ponderar a hipótese de fazer uma exposição performativa. Quisemos correr riscos porque sentimos que precisamos de continuar a ter espaço para experimentar, para testar diferentes soluções, desafiando a pressão que sentimos para criar produtos que satisfaçam os espectadores-consumidores, ou seja, espectáculos agradáveis, simpáticos, curtos, ergonómicos, claros e politicamente correctos. Este projecto foi uma tentativa de resposta a essa pressão, e é provável que se tenha tornado num objecto estranho, enigmático, quase sem lugar neste quotidiano dominado pelo entretenimento feito à medida de cada um. É, em certa medida, o oposto da ideia de que quando nos sentamos no sofá podemos escolher de entre centenas de possibilidades, aquilo que nos “serve”. Se não estivermos a gostar, mudamos de canal, alugamos outro filme, subscrevemos outra plataforma de *streaming*. E, sem darmos por isso, acabamos por viver numa espécie de ditadura cultural, que rejeita tudo aquilo que não apelar a um público-alvo suficientemente volumoso para se justificar a sua existência. Deste modo, a pouco e pouco, o espaço para arriscar, para experimentar, tende a desaparecer. Mesmo as novas companhias, como a nossa, começam a ter de produzir de acordo com um conjunto de regras habitualmente estabelecidas pelos concursos de financiamento, por co-produtores ou salas que as acolhem, de uma forma que sirva objectivos que não são necessariamente artísticos e culturais. E entretanto vamos nos esquecendo que muito do que se consegue fazer hoje teve origem em experiências que, neste momento histórico, seriam provavelmente impossíveis de concretizar.

A sensação às vezes é a de que estamos prestes a ser enfiados dentro de um colete de forças. E se nos entregarmos a essa submissão podemos até garantir melhores condições de produção, de vida, mas é possível que tenhamos de abdicar de um factor que deveria ser talvez o mais defendido de todos: a liberdade. É que convenhamos, uma sociedade que só produz aquilo que é útil, que vai ao encontro do gosto médio, que cumpre um determinado propósito, é uma sociedade muito pouco livre. É preciso lutar para que existam espaços em que se pode experimentar, em que se pode correr o risco, e até falhar, sem que logo venha o terrível medo das consequências – perder os apoios financeiros, perder a estima da comunidade, perder a capacidade de continuar a trabalhar. No Montijo, tem-se demonstrado possível existir este espaço de risco, não só pela forma como a Câmara Municipal do Montijo e a Junta de Freguesia da União das Freguesias de Montijo e Afonsoeiro têm apoiado esta Companhia, sempre com total respeito pela sua linha de actuação e sem qualquer tipo de interferência nas escolhas programáticas, como também por existirem várias pessoas, e instituições como a Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro ou o Ateneu Popular de Montijo, que compreendem que promover um clima de confiança é o mais eficaz antídoto contra o medo.

Foi por isso que nos demos ao luxo de arriscar. Mesmo correndo o risco da incompreensão, ou pelo menos da ineficácia em comparação com aquilo que, por um mal-entendido, é o nosso concorrente directo: o entretenimento. É uma luta inglória, porque como o entretenimento é pensado para ir ao encontro dos gostos dos seus espectadores-consumidores, será sempre mais agradável do que aquilo que possamos propor em alternativa. E não é que não queiramos agradar – quem não quer, não é verdade? –, é só que não é essa a nossa actividade. Este trabalho, em particular, consiste na tentativa de expressão de um mal-estar que nos parece estar presente um pouco por todo o lado. Como se estivéssemos a tentar espreitar por entre as falhas deste sistema dominante que aparenta ser perfeito, do qual raramente vemos os bastidores, as linhas e mãos invisíveis que o constroem, dia após dia, em direcção a um eterno e perfeito presente. É esse o maior risco, talvez, o de estar a tentar olhar para aquilo que não se quer deixar ver, é esta busca por um sentido qualquer que torne o quotidiano um bocadinho mais suportável, por uma liberdade que teima em escapar-nos e tanto queremos alcançar. A liberdade talvez esteja mais no processo, na forma como decidimos lutar por ela todos os dias, do que naqueles cravos vermelhos espezinados, derrotados, que todos os anos ficam esquecidos pelas ruas.

Levi Martins

GLOSSÁRIO (POR ORDEM DE APARIÇÃO)

Dave Matthews Band Uma banda norte-americana de rock muito mau formada em 1991, ou seja, já devia ter acabado

Dom Pedro Hotel de luxo nas Amoreiras, Lisboa, onde costumam pernoitar as grandes vedetas da música internacional quando vêm actuar a Lisboa (isto quando não ficam no Fortaleza do Guincho, em Cascais); dizem que o Mick Jagger já andou de boxers na suite presidencial

Fénix Music Hotel de 3 estrelas da cadeia de hotéis Fénix, com um conceito ligado ao universo da música, ou seja, o Hard Rock dos hotéis, um sítio onde não vão querer ficar e onde, eventualmente, pernoitam bandas de menos renome internacional quando vêm actuar a Lisboa

Panic! at the Disco Uma banda norte-americana de 2004, um daqueles conjuntos pertencente ao surto *emo* que assolou os EUA no início do século, epidemia que deixou feridas profundas no planeta Terra

Tokio Hotel Uma banda *emo* alemã do início do século, é preciso dizer mais alguma coisa?

Sharknado Uma saga de filmes produzida pelo canal Syfy, cujo enredo se baseia num tornado de tubarões assassinos que devasta todo o território em que passa; um filme odiado por toda a gente... não conseguimos perceber o motivo...

Michael Bublé Cantor romântico canadiano, que adora o Natal e a lamechice

Karl Ove Knausgård Escritor norueguês uma espécie de rockstar da literatura, e que se serve da sua história pessoal para escrever os seus livros

Carl Jung Psiquiatra suíço, par de Freud, que defendia a existência do inconsciente

Elon Musk Empresário milionário sul-africano, dono da Tesla, da SpaceX, dono de Marte, dono do futuro

Dostoiévski Um dos maiores autores russos da história, numa obra onde constam *Crime e Castigo*, *Noites Brancas*, entre tantos outros

José Rodrigues dos Santos E termina assim o telejornal, boa noite, nós voltamos a ver-nos amanhã ;)

Marshall McLuhan Pensador canadiano que centrou a sua pesquisa na comunicação; capítulo essencial de qualquer licenciatura nessa área

Zézé Camarinha O maior engatão do Algarve

Canhão da Nazaré É uma onda gigante típica da Nazaré, que volta não volta gera ondas de 30 metros na Praia do Norte, provocando a histeria dos amantes das grandes ondas; é também o responsável pelo surto de hostels na vila, coisa sempre agradável para a comunidade

